

O Complexo do Pedrogão no contexto das primeiras sociedades camponesas: breves notas sobre o povoamento neolítico no concelho de Avis¹

The Pedrogão Complex in the Context of the First Producing Societies: Short Notes Regarding the Neolithic Population of the Municipality of Avis

Ana Cristina Ribeiro

Centro de Arqueologia de Avis²

ana.ribeiro@cm-avis.pt

Resumo

Avis corresponde a um território com ampla variedade e diversidade de recursos naturais. É neste contexto que emergem as primeiras comunidades produtoras. Recentemente identificadas, as evidências associadas às etapas iniciais do Neolítico documentam novas estratégias de ocupação do território e de aproveitamento dos recursos, com a introdução e o desenvolvimento de novas práticas de manipulação de espécies. O trabalho que se apresenta integra o projecto de investigação Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis TEMPH. Os resultados obtidos em 2016 e 2017 revelaram-se determinantes, não só pelo aumento expressivo de sítios com potencial arqueológico, associados à Pré-História, mas, em particular, pela tipologia e enquadramento cronológico de um conjunto considerável de achados. Testemunhos destes momentos marcantes para o estudo da ocupação humana no concelho encontram-se agrupados no Complexo do Pedrogão, tendo sido identificados posteriormente novos focos de ocupação, associados a outras zonas do concelho. Os resultados preliminares desses trabalhos são agora apresentados.

Palavras-chave: Investigação; Avis; Neolítico; Povoamento

Códigos JEL: Z13; N53

Abstract

Avis is a territory with a wide range and diversity of natural resources. In this context, the first producing communities emerged. Recently identified evidence regarding the early stages of the Neolithic period documents new strategies of territorial occupation and use of resources, with the introduction and development of newly domesticated species. This work forms part of the research project “Territory and spaces of death in recent prehistory. Contribution to a new reading of the megalithic settlement in the municipality of Avis – TEMPH”. The results obtained in 2016 and 2017 proved to be decisive, not only in the discovery of potential archaeological sites, but, in particular, by generating a typology and chronological framework. Evidence of those moments, crucial for the study of the occupation of land during prehistory, have been encountered in the Pedrogão Complex and identified in other areas with similar natural features. The preliminary results of these works are now presented.

Keywords: Research Project; Avis; Neolithic; Settlement

Jel Codes: Z13; N53

¹ Artigo recebido em 01/07/2018. Aprovado em 10/10/2018

² Pátio das Cisternas, n.º 8. 7480 – 121 Avis

Nota introdutória

Avis apresenta uma considerável diversidade paisagística e geológica, assim como uma ampla variedade de recursos naturais, que se revelaram propícios, desde tempos recuados, à ocupação humana desta região. Pelas suas características e localização, a área em estudo assume um papel fundamental para a compreensão dos processos de relação inter-regional e dos eixos de circulação, em particular durante a Pré-História.

Ao longo da última década foram documentadas diversas ocorrências que reflectem a diversidade arqueológica desta região. A elaboração da “Carta Arqueológica de Avis” (2005-2014) e, mais recentemente, a realização do projecto “Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis TEMPH” (2014 - em curso), vieram confirmar a existência de diversos locais com vestígios de ocupação pré-histórica, reveladores de um potencial arqueológico que até então permanecia desconhecido.

Embora as evidências registadas decorram exclusivamente de prospecções, a identificação de um conjunto considerável de vestígios de ocupação alterou, de forma determinante, a visão da distribuição das comunidades pré-históricas no território em estudo.

Para os períodos mais antigos, as evidências de ocupação humana não se encontram ainda suficientemente documentadas, mas permitem recuar a presença humana neste território ao Paleolítico Médio (Ribeiro e Salvador, 2013, 135-139).

Os indícios tornam-se mais

representativos durante a Pré-História Recente, justificando a implementação do projecto TEMPH, com o objectivo de aprofundar o conhecimento das diversas formas de ocupação do território durante a pré-história recente, procurando compreender a relevância e o significado dos espaços de morte na organização da paisagem pré-histórica e a relação territorial entre os vários locais registados.

A ocupação pré-histórica, associada durante muito tempo aos monumentos megalíticos funerários, passou a incluir, desde o início dos trabalhos, evidências de contextos habitacionais e arte rupestre (Ribeiro, 2017/a, 581-590; idem, 2017/b, 139-153).

Os trabalhos realizados em 2016 e 2017 revelaram-se determinantes, não só pelo aumento expressivo de sítios com potencial arqueológico, associados à Pré-História, mas, em particular, pela tipologia e enquadramento cronológico de um conjunto considerável de achados.

A identificação de locais com indícios de ocupação habitacional integrável nas etapas iniciais do Neolítico (Ribeiro, 2017/a, 581-590) abre uma nova perspectiva para o conhecimento das opções territoriais associadas a um momento em que a introdução e o desenvolvimento de novas práticas de manipulação de recursos naturais se reflectem na alteração da relação das comunidades com o meio.

Testemunhos destes momentos marcantes para o estudo da ocupação humana no concelho encontram-se agrupados no Complexo do Pedrogão, tendo sido identificados posteriormente outros focos de ocupação, associados a outras zonas do concelho e que se afiguram coevos.

2. O complexo do pedrogão: uma breve caracterização

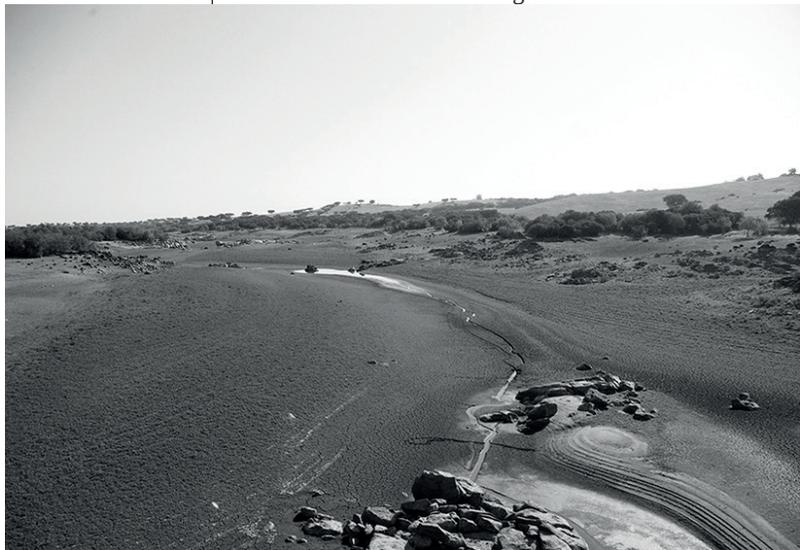
Numa leitura preliminar, e de acordo com os dados actuais, o Complexo do Pedrogão é constituído por 69 testemunhos de ocupação pré-histórica identificados na sequência da descida acentuada do nível da albufeira do Maranhão, ocorrida em 2016 e 2017.

Figura 1. Distribuição dos locais associados ao Complexo do Pedrogão



Figura 2. Vista parcial do Complexo do Pedrogão

Distribuído pelas margens da Ribeira de Seda, o Complexo ocupa uma extensa área, correspondente a cerca de 2 km, e incorpora um importante conjunto de evidências de habitat, registando-se também algumas rochas gravadas e dois monumentos megalíticos, um integrado na zona menos densificada de



vestígios de ocupação (idem, 2017/a, p. 583) e outro, registado em trabalhos precedentes (Leisner e Leisner, 1959), implantado no limite Este da concentração de vestígios.

Apesar da visão fragmentária dos testemunhos de ocupação mais antigos nesta zona, as evidências reunidas revelam já características idênticas:

Ocupam zonas baixas e de relevo pouco acidentado, sem condições naturais de defesa ou domínio visual, exceptuando o controlo visual sobre a ribeira;

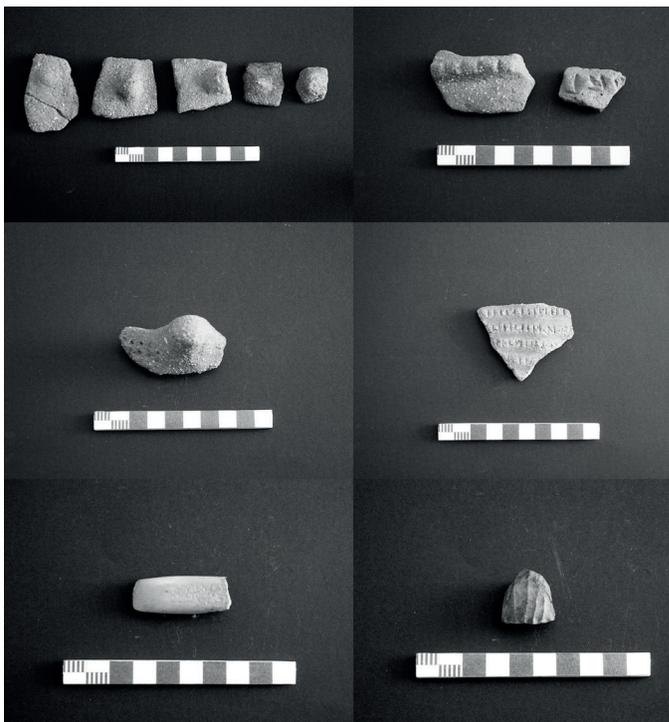
Encontram-se implantados em lo

Figura 2.

Quadro 1_ Síntese dos locais associados ao Complexo do Pedregão

Margem esquerda	Margem direita
Cumeada	Abessara 1
Anta	Arte rupestre
Pedregão 2	Abessara 2
Mancha de ocupação	Arte rupestre
Pedregão 3	Abessara 3
Mancha de ocupação	Anta
Pedregão 4	Abessara 4
Mancha de ocupação	Arte rupestre
Pedregão 5	Abessara 5
Arte rupestre	Arte rupestre
Pedregão 6	Abessara 6
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 7	Abessara 7
Mancha de ocupação	Arte rupestre
Pedregão 8	Abessara 8
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 9	Abessara 9
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 10	Abessara 10
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 11	Abessara 11
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 12	Abessara 13
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 13	Abessara 14
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 14	Abessara 15
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 15	Abessara 16
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 16	Abessara 17
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 17	Abessara 18
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 18	Abessara 19
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 19	Abessara 20
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 20	Abessara 21
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 21	Abessara 22
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 22	Abessara 23
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 23	Abessara 24
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 24	Abessara 25
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 25	Abessara 26
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 26	Abessara 27
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 27	Abessara 28
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 28	Abessara 29
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 29	Abessara 30
Arte rupestre	Mancha de ocupação
Pedregão 30	Abessara 31
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
Pedregão 31	Abessara 32
Mancha de ocupação	Mancha de ocupação
	Abessara 33
	Mancha de ocupação
	Abessara 34
	Mancha de ocupação
	Abessara 35
	Mancha de ocupação
	Abessara 36
	Achado disperso
	Goiã 6
	Mancha de ocupação
	Goiã 7
	Achado disperso

Figura 3. Materiais arqueológicos associados ao Complexo do Pedrogão: cerâmica utilitária com decoração, instrumento em pedra polida e indústria lítica em sílex



cais onde predominam solos com pouca aptidão agrícola, mas próximos, em alguns casos, de áreas com solos de boa qualidade;

Os vestígios distribuem-se pela orla de granitos que ladeiam a ribeira, sendo notória a preferência por concentrações de rochas, preferencialmente individualizadas e que se destacam na paisagem;

Nos conjuntos artefatuais predominam os recipientes em cerâmica, ocorrendo, em número mais reduzido, utensílios líticos e subprodutos de talhe;

Os recipientes de grande dimensão, associados ao armazenamento, ocorrem em número reduzido;

Os indicadores habitualmente associados à prática de agricultura, nomeadamente elementos de moagem e utensílios em pedra polida, são raros.

Os dados reunidos sugerem que estas comunidades estariam organizadas em pequenos núcleos de ocupação individualizados, não tendo sido possível aferir se de carácter permanente ou semipermanente, distribuídos de forma continuada por uma extensa área, alguns dos quais com poucos metros de distância.

A confirma-se a contemporaneidade das manchas de ocupação registadas, indiciada pela proximidade e características de espólio recolhido, o complexo do Pedrogão poderá, assim, corresponder a um povoado aberto, sem defensabilidade e com grande extensão.

Figura 4. Complexo do Pedrogão: aspecto geral de uma das manchas de ocupação (Pedrogão 11)





Figura 5. Pedrogão 29: pormenor das covinhas

Ficou por confirmar a presença humana em alguns pontos que, apesar de reunirem condições favoráveis, apresentam uma acumulação considerável de sedimentos que impossibilita uma cobertura eficaz e a recolha de informação.

No que diz respeito às rochas gravadas, os trabalhos confirmaram a predominância das covinhas como o motivo mais frequente do conjunto identificado até ao momento (Ribeiro, 2017/b,139-153). A sua relação com contextos funerários é uma vez mais afirmada pelos motivos associados aos monumentos localizados nesta zona.

Verificou-se, no entanto, o aumento do número de rochas associadas a contextos não funerários, em particular integradas nos perímetros de manchas de ocupação. Este enquadramento não tinha sido verifi-

cado nos trabalhos anteriores (idem, 2015, p. 27-28; idem, 2017/b, p.139-153), pelo que esta relação vem reforçar o simbolismo multifacetado associado a estes motivos gravados. Destacam-se as duas superfícies gravadas situadas no limite Este da mancha de afloramentos que caracteriza o Complexo do Pedrogão.

Ao nível do megalitismo, foi registado, em 2016, um monumento, designado por Abessara 3 (idem, 2017/a, p. 583), correspondente a uma estrutura de dimensão média, construída em granito e com corredor.

Dos materiais associados ao monumento destaca-se uma taça carenada com perfil completo, característica nos contextos integrados no 4.º e início do 3.º milénio a.C.. A utilização da anta integra-se, assim, numa fase mais tardia

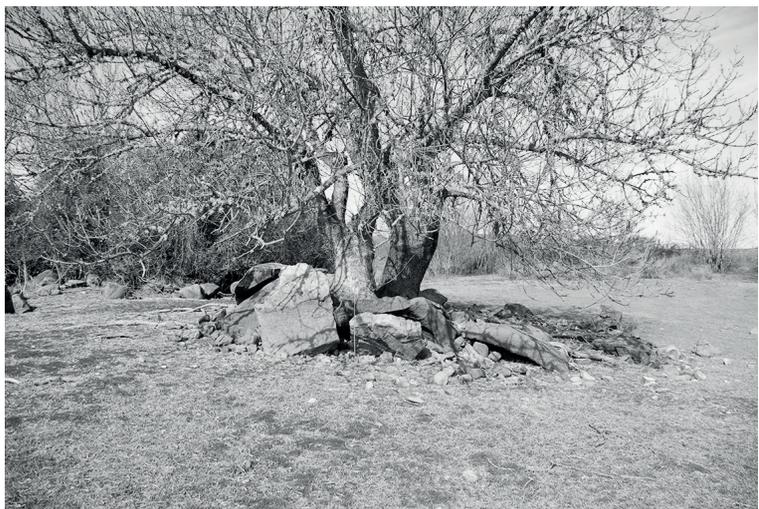


Figura 6. Monumento megalítico Abessara 3

comparativamente às manchas de ocupação, sendo difícil de determinar qual a relação entre o monumento e os vestígios de ocupação registados na sua envolvente. Permanece em aberto a possibilidade da sua construção ou primeira utilização ser, de facto, mais antiga.

No que se refere à anta da Cumeada, a informação conhecida referia um monumento relacionável com outros localizados no seu território de implantação (Leisner e Leisner, 1959). A recente identificação de vestígios na sua envolvente imediata e a relação com as dinâmicas de ocupação do território, evidentes na extensa mancha de vestígios pré-históricos identificados nesta área, levou a que se integrasse a anta da Cumeada no Complexo do Pedrogão.

Trata-se de um monumento de corredor, de dimensão considerável, ao qual se encontra associado um painel com covinhas gravadas na tampa. Este monumento encontra-se no limite Este da mancha dos afloramentos associada à margem esquerda da ribeira, numa zona onde os vestígios de ocupação se afiguram menos frequentes. Tal como a anta Abessara 3, este monumento encontra-se associado a um momento mais tardio.

3. Novos dados referentes à ocupação pré-histórica nas Ribeiras Grande e Sarrazola

A estratégia de ocupação registada no Complexo do Pedrogão foi verificada em outras zonas do território detentoras de características

naturais idênticas.

O resultado foi sem dúvida estimulante: foram identificados importantes focos de ocupação, enquadráveis, numa primeira leitura, no Neolítico Antigo/Médio, associados à Ribeira de Sarrazola, subsidiário da Ribeira de Seda, e à Ribeira Grande, na envolvente ao povoado da Ladeira (Ribeiro, 2010, 35-64; idem, 2014/2015, 309-340) e numa das zonas onde se verifica uma concentração significativa de monumentos megalíticos (idem, 2015, 19).



Figura 7. Distribuição dos sítios registados na Ribeira Grande

De um modo geral, os vestígios de ocupação enquadram-se numa estratégia semelhante à que foi verificada no Complexo do Pedrogão: ocupam zonas baixas, localizadas junto às margens das ribeiras, sem condições naturais de defesa, distribuindo-se pelas orlas de granitos que ladeiam as linhas de água, sendo notória a preferência por concentrações de rochas, bem demarcadas na paisagem, as quais delimitam os vestígios de ocupação.

Nestes locais verifica-se uma maior deposição de sedimentos associada à albufeira, o que dificulta a identificação e recolha de testemunhos para a maioria dos locais registados.

Na Ribeira de Sarrazola, próximo do Complexo do Pedrogão, registou-se uma mancha de ocupação, designada por Chafariz 3, aparentemente isolada, à qual se encontra associada indústria lítica em sílex.



Figura 8. Chafariz 3

Figura 9. Indústria lítica em sílex (Chafariz 3)



Não foi confirmada a existência de outras manchas idênticas na sua envolvente, verificando-se, no entanto a ocorrência de vestígios pontuais, cuja extensão e caracterização importa determinar em futuros trabalhos.

Salienta-se que nesta zona já havia sido registada anteriormente a ocorrência de vestígios arqueológicos pré-históricos, associados às antas Retorta 1 e Retorta 2 (Ribeiro, 2015, 22-23).

Na Ribeira Grande a ocupação Pré-Histórica torna-se mais evidente. Para além dos monumentos megalíticos e dos vestígios de habitat anteriormente registados, associados ao povoado da Ladeira (idem, 2010, p. 35-64) e às manchas de ocupação Areias 1 (idem, 2008, 7),

Torre de Ervedal 10 (idem, no prelo) e Areeiro 2 (Ribeiro e Salvador, 2013, 137-138), os trabalhos realizados recentemente forneceram um importante conjunto de ocorrências, cuja extensão e caracterização são, no entanto, condicionadas pelo elevado nível de depósitos fluviais que se verifica nesta ribeira

A Ladeira assume um papel relevante no estudo do povoamento pré-histórico, uma vez que corresponde a um povoado que seria, face aos vestígios identificados extenso e estruturado, podendo, por isso, reunir os elementos necessários para a construção de grandes monumentos, como os que se encontram na envolvente, associados aos conjuntos de



Figura 10. Malhadas 1

detendo sobre ela um excelente domínio visual.

Nos locais predominam os fragmentos cerâmicos, ocorrendo, com menos frequência, utensílios líticos e subprodutos de talhe. Contrariamente ao que se verificou no Complexo do Pedrogão, a cerâmica decorada é escassa e a presença de recipientes de maior dimensão parece ser mais expressiva.

Do conjunto destaca-se o sítio Malhadas 6 onde, para além dos vestígios de ocupação, foi registado um painel com covinhas gravadas.

Localizado em pleno leito da albufeira, o sítio está sujeito a uma forte acção da água, que se traduz numa acumulação de sedimentos e na erosão dos motivos gravados. Foi possível registar um conjunto de 18 pequenas covinhas concentradas numa das extremidades da rocha.



Figura 11. Espólio associado ao conjunto das Malhadas: peso de rede e cerâmica utilitária (recipiente com decoração no bordo e recipiente de grande dimensão)

Ervedal e Figueira e Barros (Leisner e Leisner, 1959; Ribeiro, 2014, 75-76).

A identificação de locais com vestígios de ocupação na envolvente à Ladeira poderá contribuir para a compreensão das dinâmicas de ocupação do território numa perspectiva diacrónica.

A montante do sítio encontra-se uma importante concentração de locais, associados ao núcleo das Malhadas. Constituído por oito manchas de ocupação, concentra-se na margem esquerda da ribeira,

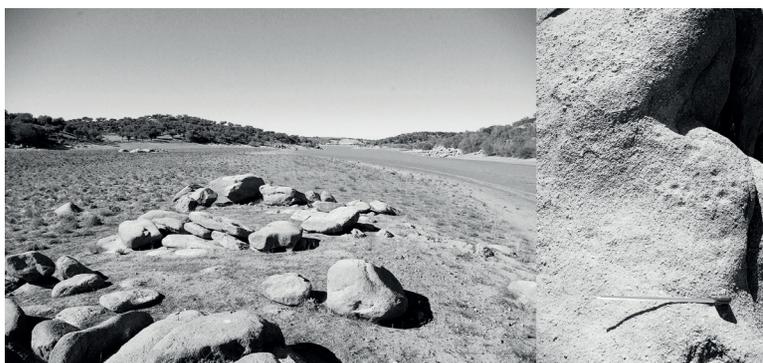


Figura 12. Malhadas 6: pormenor da mancha de ocupação e dos motivos gravados

A jusante da Ladeira verificou-se a existência de locais com testemunhos pré-históricos,

num total de 18, agrupados no conjunto Torre de Ervedal, Brejos, Azenhas e Horta das Rosas.

Tratam-se de locais onde os vestígios são pouco frequentes, facto que se deve em grande medida aos depósitos fluviais que cobrem grande parte das áreas susceptíveis de conservar evidências de ocupação. Por conseguinte, para esta zona o mapeamento dos locais é o mais impreciso, devido à dificuldade em identificar materiais à superfície. Ainda assim registaram-se os locais com potencial arqueológico e onde se recolheram indícios de ocupação, a confirmar quando existirem novas condições para prospector nestas áreas.



Figura 13. Enquadramento do sítio Brejos 2

Deste conjunto destacam-se os sítios Brejos 2, associado a um conjunto de materiais, que integra cerâmica manual e utensílios e subprodutos de talhe, e Horta das Rosas 6, mancha de ocupação onde se recolheu um elemento de moagem de dimensão considerável e onde se integram dois exemplares de arte rupestre, Horta das Rosas 1 (Ribeiro, no preto) e Horta das Rosas 7.

O primeiro corresponde a um conjunto de covinhas gravadas em superfície horizontal ao nível do solo, repartidas por dois afloramentos de granito de pequena dimensão. A primeira rocha apresenta sete covinhas de dimensão variada. A segunda evidencia apenas duas covinhas e localiza-se a pouca distância do primeiro. Nas imediações registou-se ainda uma covinha isolada.

O segundo exemplar, Horta das Rosas 7, integra dois painéis gravados com covinhas num afloramento granítico junto ao que seria a margem original da ribeira. Na rocha 1 foram contabilizadas 55 covinhas distribuídas por uma área com cerca de 210 x 90 cm. A superfície horizontal apresenta uma dimensão de cerca de 453 x 330 cm. O diâmetro dos motivos gravados varia entre 3 e 9 cm. A rocha 2 evidencia 21 covinhas dispersas por uma área com cerca de 233 x 156 cm. Os motivos estão gravados em superfície horizontal e apresentam um diâmetro que varia entre 3 e 6 cm. Apesar de localizado no vale, o afloramento destaca-se claramente.

4. O povoamento neolítico em Avis: Breves reflexões

O projecto veio demonstrar que a investigação desenvolvida em regime de continuidade permitiu um contacto permanente com o território, que se traduz num conhecimento cada vez mais detalhado das particularidades que o caracterizam e dos diferentes momentos de ocupação que aí se registam.

A identificação de novos contextos correlacionáveis com etapas iniciais do Neolítico

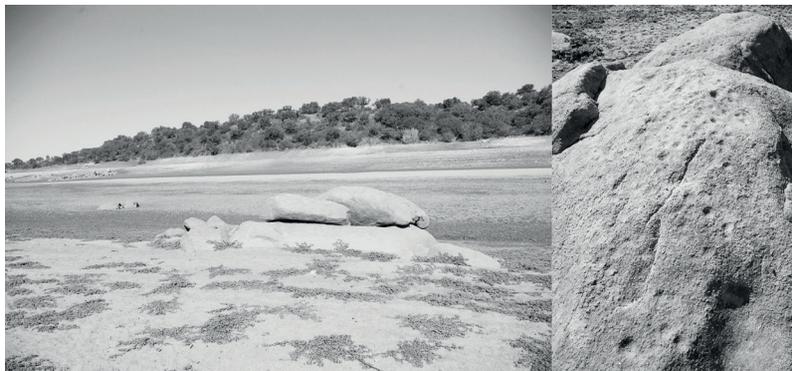


Figura 14. Horta das Rosas 7: vista geral do afloramento e pormenor da zona gravada

assume-se como determinante no estudo da ocupação pré-histórica deste território.

Até 2016 não existiam dados inequívocos que pudessem ser relacionados com os primeiros momentos da neolitização.

No sítio da Ladeira (Ribeiro, 2014-2015, 309-340) foi recolhido, em 2005, um fragmento de cerâmica com decoração em espiga, associado a um povoado de Neolítico Final, o que indicia uma cronologia mais recuada para o sítio, ou a persistência, já numa fase posterior, de padrões decorativos normalmente registados em contextos de Neolítico Antigo.

Os trabalhos realizados na última década vieram confirmar que uma parte significativa de locais, sobretudo pré-históricos, se encontram em zonas habitualmente submersas pela Albufeira do Maranhão, pelo que a sua identificação decorre, inevitavelmente, da existência ou não de condições de acesso ao actual leito da albufeira.

Com a descida acentuada do nível da água criaram-se condições para a realização de uma cobertura mais exaustiva de algumas zonas, em particular do Pedrogão, trabalho que, no

entanto, ainda se encontra por completar. Existe uma visão parcial da distribuição de sítios arqueológicos neste contexto, decorrentes da deposição desigual de sedimentos fluviais, evidentes em alguns dos locais prospectados.

Por conseguinte, os dados preliminares não admitem ainda a definição de um modelo elaborado do que terão sido as estratégias de ocupação do território adoptadas pelas primeiras comunidades neolíticas. Para além disso, a natureza dos achados, provenientes exclusivamente de recolhas de superfície, condiciona a leitura do conjunto artefactual.

Apesar das limitações, os dados reunidos consentem um primeiro esboço do que poderia ser a estrutura económica durante as fases iniciais de neolitização nesta região (idem, 2017/a, 583-586).

Pelas evidências reunidas, o Complexo do Pedrogão assume um papel determinante no estudo do povoamento Neolítico no concelho de Avis, constituindo um dos eixos prioritários no projecto de investigação em curso, uma vez que:

- Fornece as primeiras evidências das fa-ses iniciais da ocupação neolítica, revelando o tipo de implantação e a possível distribuição do povoamento durante esse período;
- Ao nível da cultura material reú-ne um número considerável de elementos caracterizadores;
- A presença de cerâmicas decoradas permite o estabelecimento de paralelos com locais coevos, podendo igualmente evidenciar

particularismos que, a confirmarem-se, poderão estar associados a uma realidade própria;

- Os dados reunidos possibilitarem definir um modelo de ocupação do território aplicável a outros locais que reúnam características naturais semelhantes;

A relação territorial com momentos megalíticos poderá auxiliar na leitura diacrónica da ocupação pré-histórica.

A tendência registada nas estratégias de implantação associadas à fase inicial do Neolítico, confirmada no Complexo do Pedrogão e aflorada noutras áreas do concelho de Avis, revela a preferência por locais com características específicas.

Estes grupos privilegiaram a proximidade aos recursos hídricos, estabelecendo-se em zonas marcadas por grandes manchas de afloramentos graníticos, ocupando zonas abertas, de baixa altitude e relevo pouco acidentado, sem condições naturais de defesa.

Esta localização deixa antever, não obstante a ausência de indicadores directos, um aproveitamento dos recursos naturais proporcionados por estes ambientes específicos, e que se revelavam favoráveis à prática da caça, da pesca e do marisqueiro. O acesso privilegiado a estes recursos e o seu aproveitamento poderia ser complementado por outras actividades que justificariam o aparecimento de acampamentos permanentes ou semipermanentes.

Este modelo de ocupação está associado à presença de um número significativo de recipientes cerâmicos que remetem para contextos iniciais do Neolítico e que correspondem a recipientes de pequena e média dimensão, destinados ao processamento e consumo de bens ali-

mentares. As evidências de recipientes volumosos, associados ao armazenamento de alimentos, são reduzidas.

No conjunto artefactual associado a estes locais é notória a escassez de testemunhos da prática agrícola ou do processamento de espécies vegetais, selvagens ou cultivadas. Na quase totalidade dos sítios registados não foram identificados artefactos em pedra polida ou elementos de moagem que, a par do número reduzido de recipientes cerâmicos de grande dimensão, sugerem que a agricultura é minoritária nesta etapa inicial, não tendo sido adoptada como estratégia principal de subsistência.

As evidências apontam para uma economia de transição, na qual as actividades produtoras, em particular a agricultura não arável e possivelmente a pastorícia, passam a figurar nas estratégias de obtenção de alimento, criando uma menor dependência da caça e recolção.

A adopção de um modelo em que as actividades predadoras continuavam a desempenhar um papel significativo em contextos onde ocorrem cerâmicas pressupõe uma certa mobilidade dos grupos dentro do território de exploração, o qual seria favorável aos contactos intergrupais, documentado, por exemplo, pela presença de matérias-primas exógenas, como o sílex, ou pela adopção de novas técnicas, como a cerâmica.

Esta mobilidade, verificada em etapas posteriores já coevas das estruturas megalíticas, poderá associar-se a um modelo económico predominantemente pastoril, que estaria relacionado a locais de ocupação semipermanente/sazonal, com construções de carácter doméstico pouco complexas ou perecíveis e situadas em diferentes locais de uma mesma área. Assim se explicaria o número reduzido de povoados pré-históricos, não obstante as limitações decorrentes das re-

colhas de superfície, assim como a ocupação e aproveitamento de zonas com menor aptidão agrícola, possibilidade aflorada para contextos mais tardios (Ribeiro, no prelo).

Já no que diz respeito à horticultura, e apesar da ausência de testemunhos arqueológicos, as características da sua prática permitem enquadrá-las neste contexto.

Contrariamente à agricultura, cuja eficácia depende da extensão do solo cultivado, sendo, por isso, mais exigente ao nível da preparação do terreno e das técnicas associadas, a horticultura primitiva não requer solos lavrados, tendo a capacidade de produzir uma quantidade significativa de alimentos em espaços reduzidos e sem recurso a utensilagem específica.

Apesar de menos exigente, a horticultura implica um trabalho intensivo o qual só poderá ser efectivado se houver uma fixação dos grupos que a praticam.

Por constituírem práticas menos exigentes que a agricultura, a horticultura e a pastorícia seriam, por isso, admissíveis em contextos iniciais de manipulação de recursos, idênticos aos registados no Complexo do Pedrogão e, com maiores reservas, nos restantes locais registados.

A sua adopção permitia uma maior independência em relação aos recursos obtidos mediante as actividades predadoras. Este processo de ampliação da produtividade depende, no entanto, de uma estabilidade dos grupos, justificando, assim, a sua fixação a um território

Associados às etapas iniciais de neolitização do território de Avis, os vestígios de ocupação registados indiciam uma mudança nas estratégias de aproveitamento e exploração

do território, favorável ao florescimento de uma economia de produção, associada à introdução e ao desenvolvimento de novas práticas de manipulação dos recursos naturais, em particular da pastorícia e da horticultura, e de novas técnicas, como a cerâmica, que justificariam a permanência de comunidades.

A adopção destes novos factores terá sido efectuada de acordo com as necessidades dos grupos, correspondendo a um processo de transição gradual de uma economia predadora para produtora, baseado num substracto populacional existente, cujas evidências, apesar de ainda insuficientes (Ribeiro e Salvador, 2013, 135-139), indiciam o papel de Avis enquanto plataforma de circulação para o interior.

Os corredores naturais terão, assim, favorecido o contacto com o vale do Rio Sorraia e com o Rio Tejo através da movimentação de grupos de caçadores recolectores. Os respectivos territórios de circulação, relativamente amplos, terão contribuído para acentuar os contactos intergrupais e, deste modo, favorecer a adopção gradual de elementos associados ao processo de neolitização, promover a fixação de comunidades e a transferência progressiva da estratégia de subsistência.

Terá sido neste contexto favorável que emergiram as primeiras comunidades neolíticas, iniciando-se, assim, a domesticação da paisagem, desde a selecção de locais de implantação, permanente ou semipermanente, até à apropriação do território consolidada, posteriormente, com a construção de monumentos megalíticos, cuja presença se encontra amplamente documentada.

Confirma-se também a relação espacial destas realidades e as expressões gravadas na rocha, sob a forma de covinhas, isoladas ou agrupadas em painéis. Tratando-se de um tema

recorrente em diferentes períodos, a sua integração cronológica torna-se bem mais complexa, permanecendo igualmente por esclarecer a sua funcionalidade. Os dados disponíveis não permitem uma leitura concreta acerca do papel que as covinhas terão desempenhado no contexto do povoamento pré-histórico, mas a sua distribuição torna-as indissociáveis deste universo.



Figura 15. Limite Nordeste da mancha de afloramentos que define o Complexo do Pedrogão

Analisando os dados publicados ou contidos na base de dados de sítios arqueológicos Endovélico, o número de ocorrências associados às etapas iniciais do Neolítico registado para o Alentejo, em particular para o Alto Alentejo, é ainda pouco expressivo para um território tão vasto e com características naturais propícias à ocupação humana.

Esta visão parcial tem vindo, paulatinamente, a adquirir novos contornos com a identificação de vestígios associados a áreas para as quais a informação era escassa ou até mesmo inexistente. Será fundamental o desenvolvimento de focos relevantes de abordagem continuada e sistemática das primeiras ocupações neolíticas para, progressivamente, se alterar a perspectiva

actual do processo de Neolitização nesta região.

No caso de Avis, importava, em primeiro lugar, compreender o que poderia estar na origem da ausência de vestígios, sobretudo quando o território apresenta uma ocupação neolítica amplamente consolidada com a presença de monumentos megalíticos.

As ocorrências registadas ao longo do projecto TEMPH vieram de facto confirmar a existência de indícios relacionáveis com as etapas iniciais do Neolítico. Estes dados, não obstante o seu carácter preliminar, constituem um ponto de partida para o estudo do processo de neolitização deste território, contribuindo para

delinear a sua relação com outras áreas já estudadas e documentadas, estabelecendo, deste modo, semelhanças e assimetrias.

A continuidade do projecto permitirá ampliar a investigação e introduzir novos dados que contribuam para a caracterização do processo de neolitização nesta região, em particular no que respeita à transição para o Neolítico, às estratégias de povoamento e à relação cronológica com o megalitismo.

A visão fragmentária dos testemunhos reunidos impossibilita, neste momento, confirmar muitas das hipóteses de leitura avançadas ao longo do projecto. Será necessário aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas destes grupos, documentar o processo gradual de transição, determinar o seu impacto ao nível da paisagem e em que medida os recursos foram explorados, re-

constituir o coberto vegetal de então e conhecer os recursos botânicos e faunísticos explorados pelas comunidades locais durante o Neolítico.

Responder a estas e outras questões afigura-se impossível neste momento, mas a continuidade da investigação, integrando novas componentes de abordagem, poderá, de futuro, contribuir para compreender esta apropriação gradual do território, as primeiras formas de manipulação de recursos e a consequente domesticação da paisagem, revelando-se igualmente determinantes para a caracterização dos territórios ancestrais e das estratégias de exploração destas comunidades, determinando uma nova etapa no estudo do povoamento pré-histórico em Avis.

Não existem dúvidas de que o processo de neolitização vem definir as primeiras paisagens culturais, expressando uma nova relação das comunidades humanas com o meio, alicerçada em novas estratégias de aproveitamento e exploração de recursos diversos. Vastos territórios ocupados por diversas espécies propiciavam os recursos necessários a estas comunidades.

Se a presença de algumas espécies, nomeadamente do sobreiro e da azinheira tão características dos territórios desta região, foram determinantes para o desenvolvimento das primeiras sociedades camponesas, hoje a gestão do espaço do montado assume um papel determinante na preservação (ou não) desses testemunhos do passado.

Saber articular as necessidades actuais, potencializar os recursos sem afectar esses testemunhos e apagar a sua memória é, sem dúvida, um verdadeiro desafio que se impõe nos dias de hoje.

Bibliografia

CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino e GIBAJA BAO, Juan Francisco. O sítio do Neolítico Antigo de Cortiçóis – Almeirim, Santarém. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 16, pp. 27-61, 2013.

DEUS, Manuela. O Neolítico Antigo do baixo curso do rio Sor: os sítios Bernardo 1 e Alminho 1 (Montargil, Ponte de Sor). In *Promontoria: revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, Faro: DHAPUA, ano 6, n.º 6, pp. 95-114, 2008.

DINIZ, Mariana. As comunidades Neolíticas no interior Alentejano: uma leitura cultural e cronológica. In *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica*. Porto: ADECAP, volume 3, p. 23-33, 2000.

DINIZ, Mariana. O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. Lisboa: IPA, *Trabalhos de Arqueologia*, n.º 48, 2007.

DINIZ, Mariana, NEVES, César e MARTINS, Andrea (coordenação). O Neolítico em Portugal antes do horizonte 2020: perspectivas em debate. In *Monografias AAP*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, n.º 2, 2015.

GONÇALVES, Victor. Um sítio do Neolítico antigo no vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche). In *Revista portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA volume 12, n.º 2, pp. 5-30, 2006.

GONÇALVES, Victor; SOUSA, Ana Catarina e MARCHAND, Grégor. Na margem do grande rio. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no Guadiana Médio. Évora: EDIA e DRCALEN, *Memórias d' Odiana*, 2.ª série, 2013.

LEISNER, Georg e LEISNER, Vera. Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel der

Westen, Berlin, 1959.

RIBEIRO, Ana. Uma primeira leitura da Carta Arqueológica de Avis, in *Revista Al-madan* adenda electrónica, n.º 16, VII, p. 1-12. Disponível em: http://issuu.com/almadan/docs/almadan_online_16, 2008.

RIBEIRO, Ana. Novos elementos para o estudo do sítio da Ladeira, Ervedal. Resultados preliminares da primeira fase do projecto de investigação, in *Vialibus*, Revista da Fundação Arquivo Paes Teles, Ervedal, n.º 2, p.35-64, 2010.

RIBEIRO, Ana. Apontamentos sobre o megalitismo funerário no concelho de Avis. In *Revista Al-madan* (edição online), n.º 18, pp. 75-88. Disponível em: https://issuu.com/almadan/docs/maqueta18_2_online_completa, 2014.

RIBEIRO, Ana. Novos dados sobre o megalitismo funerário do concelho de Avis. In *Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. Évora: CHAIA, Universidade de Évora, pp. 17-33, 2015.

RIBEIRO, Ana. Ladeira, 100 anos depois de José Leite de Vasconcelos. In *O Arqueólogo Português*, Lisboa: MNA, série V, volume 4/5, p. 309-340, 2014-2015. RIBEIRO, Ana. O povoamento neolítico em Avis: uma análise preliminar dos dados disponíveis. In *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 581-590, 2017/a.

RIBEIRO, Ana. Arte rupestre no concelho de Avis. Análise preliminar da distribuição das gravuras rupestres no contexto do povoamento megalítico. In *Scientia Antiquitatis. Estratégias de povoamento: Da Pré-História à Proto-História*, n.º 1, CHAIA/Universidade de Évora, pp. 139 -153, 2017/b.

RIBEIRO, Ana. Território e espaços de morte na Pré-História Recente. Contributo para uma nova leitura do povoamento megalítico no concelho de Avis, in *Actas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa e Aroche, 24, 25 e 26 de Outubro de 2015. No prelo.

RIBEIRO, Ana e SALVADOR, Margarida. A Carta Arqueológica de Avis. Reflexões sobre o Paleolítico. In *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 135-139, 2013.